

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# PAISAGENS PARTILHADAS? NOVOS DADOS SOBRE O POVOAMENTO MESOLÍTICO E NEOLÍTICO ANTIGO NA COSTA SUDOESTE ALENTEJANA.

Helena Reis / FL/UL / hreis@campus.ul.pt

## RESUMO

Tradicionalmente parte integrante do debate da neolitização da fachada atlântica portuguesa, as paisagens litorais alentejanas têm visto o seu papel, outrora preponderante, sido relegado para um segundo plano. O estudo de materiais arqueológicos inéditos e a realização de prospecções no âmbito do projecto de investigação “O povoamento Mesolítico e Neolítico antigo no vale do Mira, no seu contexto regional” permitiram acrescentar ao debate novos espaços vividos e visualizar novos aspectos sobre a ocupação no início do Holocénico, numa paisagem múltiplas vezes revisitada.

## ABSTRACT

Traditionally part of the neolithisation debate of the atlantic façade, the coastal landscapes of Alentejo have seen its main role been relegated to a peripheral place. The study of unpublished archaeological materials and the new archaeological surveys, on the extent of the investigation project called “The Mesolithic and Early Neolithic settlement on the valley of the Mira river, on its regional context”, led to introduce new living spaces on the debate and to visualize new aspects of the Holocene occupation, on a landscape visited through multiple times.

## ENQUADRAMENTO PRÉVIO

A história das investigações em torno dos concheiros desta região inaugura-se na bibliografia arqueológica em 1886 com a referência de Emile Cartailac aos concheiros do Mira e da costa litoral. Este, informado pelo médico odemirense Abel da Silva Ribeiro, refere na sua obra “L’Âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal” a existência de concheiros e compara-os com os de Muge, destacando a maior diversidade de espécies malacológicas e a existência de cerâmicas nos primeiros. (Cartailac, 1886, vol.1, p. 58). Em 1891, Estácio da Veiga volta a mencionar os concheiros da costa sudoeste. (Veiga, 1891, v.4, p.142). Não obstante, só nas primeiras décadas do século XX é que estes voltaram a ser referidos no âmbito das investigações de G. Zbyszewski. (Zbyszewski, 1940) Entre 1970 e 1990 são levados a cabo extensos trabalhos de prospecção na costa litoral alentejana e são realizadas es-

cavações arqueológicas por diversas equipas. (Silva & Soares, 1997; Arnaud, 2002; Lubell *et alia*, 2007, Raposo, 1994).

O conjunto de sítios arqueológicos do Mesolítico e Neolítico em estudo<sup>1</sup> localiza-se na sub-região do Alentejo Litoral, concelho de Odemira. Geograficamente inseridos nas unidades naturais correspondentes à bacia hidrográfica do Mira, à plataforma litoral e à bacia da ribeira de Seixe, os sítios aqui mencionados apresentam-se como concheiros e estações de ar livre, essencialmente constituídas por grandes aglomerados de material lítico visíveis à superfície nas formações dunares.

---

1. Este estudo enquadra-se no âmbito da tese de Mestrado em Arqueologia da autora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a orientação da Prof.ª Mariana Diniz.

## ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO

A geomorfologia desta região apresenta-se dividida em três unidades naturais: a Planície Litoral Ocidental, as Serras Litorais e os Relevos Interiores. A Planície Litoral Ocidental, dominante a nível territorial, consiste numa plataforma de abrasão marinha, sendo uma estreita faixa que varia entre os 5 km e os 15 km de largura e que apresenta altitudes até aos 150 m, com ligeiros declives para o mar. Situa-se sobre as rochas do Paleozóico e é coberta por uma camada de areias homogêneas, finas e com inclusões de pequenos seixos rolados, atingindo, no máximo 20 m de espessura. Litologicamente, é composta, essencialmente, por rochas detríticas (areias, arenitos, cascalheiras). A referida existência de calcários brancos lacustres, com grandes nódulos de sílex, na zona de S. Teotónio, fornece pistas para possíveis fontes de matéria-prima na pré-história. (INAG, 2000, p. 4-6; Zbyszewski, 1984, p.57). A Este encontra-se limitada pelas Serras Litorais, das quais se destacam a Serra do Cercal e a Serra de S. Luís. (Feio, 1984, p. 11-14)

## O ESTADO DA QUESTÃO

No concelho de Odemira encontram-se registados na base de dados Endovélico, desde o Mesolítico Inicial ao Neolítico Antigo um conjunto de 50 sítios arqueológicos. Não obstante, no segmento temporal da neolitização apenas se dispõe de cronologia precisa para dois sítios do Mesolítico Final – Fiais

(González Morales & Arnaud, 1990; Lubell *et alia*, 2007) e Montes de Baixo (Soares & Silva, 1997)) e três sítios do Neolítico Antigo – Medo Tojeiro (Zbyszewski & Penalva, 1979; Silva, *et alia*, 1985), Praia das Galés 1 e Brejo da Moita 2 (Soares, 1997).

## NOVOS DADOS: O CONCHEIRO DE PAÇO VELHO 2

No âmbito de prospecções arqueológicas realizadas no concelho de Odemira em 2012, foi identificado o concheiro do Paço Velho 2 (Reis, no prelo)<sup>2</sup> cuja ocupação é enquadrável cronologicamente na transição Mesolítico Final/Neolítico Antigo.

O sítio do Paço Velho 2<sup>3</sup> localiza-se numa pequena elevação com grande domínio visual sobre o vale da ribeira de Seixe, a cerca de 4,5 km da antiga linha de costa e junto a uma nascente de água doce (Figura 1). Encontra-se implantado sobre areias plio-pleistocénicas. (Pereira, 1987, p. 75) O concheiro ocupa parte da plataforma em que assenta, registando-se também vestígios arqueológicos no corte de terras visível na base do cabeço e uma série de núcleos (vestígios líticos, faunísticos e por vezes cerâmicos) na plataforma sul para o vale da Ribeira de Seixe. A identificação, em zona próxima do concheiro do Paço Velho 2, de um sítio de habitat Neo-Calcolítico (Paço Velho 6) poderá estar relacionada com a dispersão de cerâmicas nas proximidades.

Para o sítio de Paço Velho 2 foi obtida uma datação enquadrável na 2<sup>a</sup> metade do VI milénio BC (tabela 1).

Tabela 1 – Paço Velho 2: Datação de 14C.

Proveniência	Amostra	Ref. Lab.	Idade BP	Idade cal. (cal BC)	
				1σ	2σ
Superficial	Conchas marinhas	Sac – 2847	6930 ± 60	5465 – 5350	5519 – 5289

Data e calibração obtidas pelo Doutor A. Monge Soares, a quem se agradece. Calibração realizada a partir da curva de calibração IntCal09 (Reimer *et al.*, 2009) e o programa Calib 6.1.0 (Stuiver, Reimer, 1993). A correcção para o efeito do reservatório oceânico foi baseada em Soares e Dias, 2006.

A amostra datada é proveniente de um contexto superficial de uma área restrita. O facto de as conchas datadas poderem ser originárias de contextos diferentes requer alguma caução na leitura da data, não podendo esta ser relacionável com um momento inicial ou final de ocupação do concheiro.

Tendo em conta as limitações decorrentes da análise de material de superfície, apresenta-se de seguida uma descrição do espólio arqueológico recolhido. O concheiro do Paço Velho 2 apresenta uma grande concentração de material conquífero, onde se pôde

identificar espécies de proveniência costeira de substracto rochoso como a *Patella sp.*, *Mytilus sp.* e *Thais haemastoma*, assim como espécies estuarinas de fundo arenoso como a *Cerastoderma edule*, *Rudi-*

2. Agradece-se ao colega Joel Rodrigues pela informação acerca deste sítio.

3. Localização administrativa: Distrito de Beja, Concelho de Odemira, Freguesia de S. Teotónio; Carta Militar de Portugal: 568; Coordenadas Geográficas: 37°26'16.169" N, 8°45'35.235" O; Altitude: 64 m.

*tapas decussata*, *Ostrea edulis* e *Crassostrea angulate*. O restante espólio arqueológico presente neste sítio consistia em material lítico, não tendo sido encontrado qualquer exemplar cerâmico na plataforma onde se situa o concheiro, nem na base imediata desta.

O material lítico recolhido consiste maioritariamente em lamelas de sílex, com grande representação de peças não retocadas, restos de talhe, um núcleo em rocha metamórfica local, alguns utensílios retocados (um trapézio e duas raspadeiras em sílex e quartzo) e uma peça intermédia para percussão indirecta em xisto silicioso com marcas de utilização, que se descreverão de seguida (Figura 2).

O núcleo de lamelas recolhido é realizado sobre uma rocha metamórfica local, de forma/tipo prismático, apresenta um plano de percussão facetado e encontra-se exausto<sup>4</sup> (29mm x 18mm x 19mm).

O conjunto lamelar (20) apresenta uma largura média de 7,7 mm e espessura de 2,5 mm, não tendo sido possível realizar a média de comprimentos uma vez que apenas dois exemplares se encontravam inteiros. A produção de lamelas apresenta características muito uniformes, sendo 85% desta realizada sobre sílex (restante indústria realizada sobre quartzo e xisto silicioso), apresentando-se maioritariamente sem córtex e com talões facetados, bordos paralelos e secções triangulares. Tratam-se sobretudo de exemplares brutos, tendo sido contabilizados quatro com retoque. Refira-se ainda a existência de um trapézio simétrico em sílex<sup>5</sup> (11 mm x 7 mm x 2 mm) com retoque curto, directo, rectilíneo e abrupto e com possível fractura de impacto na base maior. Os exemplares em sílex apresentam coloração branca, creme e tonalidades rosadas.

As lascas (9) são produzidas em sílex, quartzo e quartzito, sendo maioritariamente sem córtex, com talões lisos e facetados e perfis direitos. De bordos essencialmente irregulares, as lascas apresentam um comprimento médio de 33,5 mm, largura de 24,1 mm e espessura de 7,4 mm. Um dos exemplares trata-se de uma raspadeira em sílex que apresenta retoque curto, alterno, rectilíneo, contínuo, semi-abrupto, na extremidade distal (12 mm x 6 mm x 3mm).

As matérias-primas são maioritariamente não locais (sílex), tendo sido também registadas locais (quart-

zitos/grauvaques e quartzo). O sílex proveniente do Paço Velho poderá ser originário da região envolvente do Cabo de S. Vicente (cerca de 50 km de distância<sup>6</sup>). Foram recolhidas amostras de sílex da praia do Belixe que apresentam grande semelhança, quando analisado à lupa binocular, com o sílex de Paço Velho. A confirmação desta informação requereria uma análise mais aprofundada e a prospecção da área de S. Teotónio como possível fonte de recolha de sílex (cerca de 9 km de distância) de forma a verificar a informação disponível na Carta Geológica.

A cerca de 22 km a Norte do sítio do Paço Velho situa-se o concheiro de Medo Tojeiro (Zbyszewski & Penalva, 1979; Silva *et alia*, 1985; Lubell *et alia*, 2007), do qual foram estudados pela autora um conjunto de materiais arqueológicos de recolha de superfície<sup>7</sup> (materiais cerâmicos e líticos). Nas proximidades deste sítio encontram-se localizados outros núcleos de ocupação com vestígios líticos enquadráveis entre o Mesolítico e o Neolítico e com presença de cerâmicas pré-históricas, como são o sítio da Angra das Melancias/Foz dos Ouriços, Lapa das Pombas, Praia Grande do Almogrove e na duna entre a Ponta da Ilha e Carriços. Todos estes núcleos constituem uma área grande de dispersão de vestígios sobrepostos de diversas épocas visíveis nas dunas.

O material disponível recolhido é escasso (como também é o material de escavação), tendo sido apenas recolhidos à superfície 19 peças líticas (Figura 3) (dois núcleos, uma peça esquirolada, dois restos de talhe, uma lasca, um entalhe sobre lasca, um furador, uma lamela retocada e 10 lamelas brutas) e 13 fragmentos cerâmicos (dois bordos, 10 bojos, alguns dos quais apresentando decorações e elementos de prensão). Foram recolhidos dois núcleos em quartzo hialino (25 mm x 8mm x 11 mm) e quartzo leitoso (33 mm x 14 mm x 14 mm) e uma peça esquirolada (23 mm x 21 mm x 5 mm) sobre anterior núcleo, onde se pôde observar vestígios de extracção de lamelas-esquirolas. O conjunto de lamelas apresenta-se maioritariamente fragmentado, pelo que não foi possível calcular uma média de comprimento. A média calculada para as larguras é de 8,33 mm e a espessura de 2 mm. Registou-se a presença de um furador sobre lamela em sílex (46 mm x 12 mm x 3 mm) que apresentava tratamento térmico, com secção trapezoidal, retoque

4. Medidas efectuadas nos núcleos: comprimento máximo, largura máxima e espessura máxima em milímetros.

5. Medidas efectuadas nos produtos debitados (lamelas e lascas): comprimento, largura e espessura em milímetros.

6. Comunicação pessoal Nuno Pimentel.

7. Depósito de materiais arqueológicos da Câmara Municipal de Odemira.

curto, directo, abrupto e descontínuo na parte mesial e distal, perfil mesial direito e distal curvo. Dentro da categoria das lascas, destaca-se a existência de um entalhe em sílex (22 mm x 14 mm x 4 mm). A análise do conjunto cerâmico revelou pastas maioritariamente semi-compactas, com inclusões finas e grandes de materiais não-plásticos (quartzos, feldspatos e minerais negros), cores que se distribuem essencialmente pelo vermelho intenso, castanho avermelhado e laranja vivo, apresentando cozeduras essencialmente oxidantes ou reductoras com arrefecimento oxidante. Um pequeno conjunto apresenta superfícies externas e internas alisadas, encontrando-se a maior parte deste erodida. Os bojos apresentam uma espessura média de 11,9 mm. De entre o conjunto cerâmico destaca-se a existência de três fragmentos decorados que passamos a descrever seguidamente. Em primeiro lugar registou-se um recipiente cerâmico que apresenta forma ovóide, de cor vermelho acastanhado, com marcas de fogo disseminadas, sendo a superfície interna alisada e a externa alisada sobre aguada. A peça tem um diâmetro interno de bojo de 16 cm.

Este fragmento apresenta-se decorado por um cordão horizontal impresso abaixo do bordo. Um outro recipiente de cor laranja vivo (cozedura oxidante) com bordo de forma aplanada e orientação recta (espessura 5 mm) apresentou abaixo do bordo uma linha de incisões aplicada sobre parede lisa, incluindo ainda uma asa de perfuração horizontal. O terceiro exemplar decorado deste conjunto trata-se de uma peça de cor castanho-alaranjado pálido (13 mm de espessura) com superfície externa erodida e interna alisada, cozedura oxidante e bordo biselado recto (4 mm de espessura). Possui um pequeno cordão paralelo ao bordo segmentado por impressões. Refira-se ainda a presença de uma pega em pasta compacta castanho alaranjado pálido. O conjunto cerâmico recolhido à superfície apresenta características muito semelhantes às já publicadas por Soares *et al.* (1985). Face à incerteza quanto à proveniência estratigráfica dos materiais cerâmicos recolhidos em escavação e da amostra datada (Soares et alia 1985; Lubell et alia, 2007, p. 210) não se pode afirmar que este sítio tenha sido formado durante o Neolítico Antigo, excluindo uma ocupação durante o Mesolítico Final. (Tabela 2)

Tabela 2 – Medo Tojeiro: datação de 14C.

Proveniência	Amostra	Ref. Lab.	Idade BP	Idade cal. (cal BC)	
				1σ	2σ
C.4?	<i>Mytilus</i>	BM 2275 R	6820 ± 140	5460 – 5172	5557 – 4972
S3, C.4	carvão	Beta 11723	5450 ± 160	4451 – 4222	4619 – 3957

Datações retiradas de Lubell *et al.*, 2007, p. 221

Calibração realizada a partir da curva de calibração IntCal09 (Reimer *et al.*, 2009) e o programa Calib 6.1.0 (Stuiver, Reimer, 1993). A correcção para o efeito do reservatório oceânico foi baseada em Soares e Dias, 2006.

## O POVOAMENTO NA TRANSIÇÃO ENTRE O MESOLÍTICO FINAL E O NEOLÍTICO ANTIGO

Diferentes interpretações têm sido apontadas para o processo de neolitização da costa Sudoeste alentejana, recorrendo essencialmente a modelos de exploração logística do território, teoricamente assentes em acampamentos base e acampamentos temporários no Mesolítico Final. (Silva & Soares, 1997; Arnaud, 2002). Para o Neolítico antigo tem sido apontado por alguns autores uma continuação das estratégias económicas precedentes (recolha de marisco) (Silva & Soares, 1997) que revelam, no entanto, uma tendência na diminuição da importância des-

tas práticas, tal como é sublinhado por Dean *et al.* (2011) para os sítios da Costa Vicentina.

A observação dos locais de implantação dos sítios datados do Mesolítico Final revela uma procura por locais perto de importantes cursos de água (ex. Fiais, Montes de Baixo e Paço Velho), enquanto os sítios do Neolítico Antigo (ex. Medo Tojeiro (?), Praia das Galés e Brejo da Moita 2) se localizam próximos da linha de costa (sobre a arriba) e de pequenos cursos de água.

A informação de carácter preliminar do concheiro do Paço Velho 2 não permite classificar com clareza a natureza deste espaço e o seu papel na paisagem, para tal, escavações arqueológicas seriam essenciais. No entanto, as leituras da indústria lítica,

reveladoras de uma grande variedade de utensílios, apresentando elementos de toda a cadeia operatória, a diversidade a nível malacológico, e o local de implantação do sítio são elementos sugestivos de que este se poderá tratar de um local de habitação mais permanente.

A datação obtida para Paço Velho 2 (5519 – 5289 20 cal BC) e o facto de não terem surgido à superfície cerâmicas pode sugerir que este local terá tido uma ocupação protagonizada por um grupo de caçadores – recolectores, tal como em Fiais e Samouqueira I (Soares, *et al.* 2005-2007), num momento em que as paisagens litorais do Sudoeste português são partilhadas com grupos neolíticos – Vale Pincel, Samouqueira (Soares & Silva, 1981), Vidigal (Strauss *et alia*, 1990), Medo Tojeiro (?), Rocha das Gaiotas (Carvalho & Valente, 2005), Cabranosa e Padrão (Carvalho, 2008).

## BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. (2002) – O Mesolítico e o processo de neolitização: passado, presente e futuro. In *Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 54, p. 57-74.

CARTAILLAC, É. (1886) – *L'Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris. C. Reinwald.

CARVALHO, A., (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*, Faro, Universidade do Algarve.

CARVALHO, A.; VALENTE, M. (2005) – Novos contextos coníferos pré-históricos na Costa Vicentina. In *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Xelb, 5)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 9-26.

DEAN, R.; VALENTE, M.; CARVALHO, A. (2012) – The Mesolithic/Neolithic transition on the Costa Vicentina, Portugal. *Quaternary International* (264), p. 100-108.

FEIO, M. (1984) – Geomorfologia. In OLIVEIRA, J. – *Carta Geológica de Portugal, escala 1:200 000, Notícia Explicativa da Folha 7*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

GONZALÉZ MORALES, M., ARNAUD, J., (1990) – Recent research on the Mesolithic in the Iberian Peninsula. In *Contributions to the Mesolithic in Europe*, Leuven, Leuven University Press, p. 451-461.

INAG; HIDROPROJECGTO COBA; HIDROTÉCNIA PORTUGUESA; WS ATKINS; CONSUGAL-MOTT; MACDONALD & GIBB PORTUGAL (2000) – *Plano da Bacia Hidrográfica do Rio Mira*. Síntese da Análise e Diagnóstico da Situação Actual, 1 [Em linha]. [Em linha] Ministério do Ambiente. [Consult. 27 de Dezemb. de 2011]

Disponível em WWW: <http://www.ccdr-a.gov.pt/app/PBHMIRA/>.

LUBELL, D., JACKES M., SHEPPARD, P., ROWLEY-CONWY, P. (2007) – The Mesolithic-Neolithic in the Alentejo: archaeological investigations, 1984-1986. In *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: Papers in Honor of Anthony Marks*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004. (Promontoria Monográfica). Universidade de Faro. Faro, p. 209-229.

PEREIRA, A., (1987) – *Acumulações arenosas eólicas consolidadas do litoral do Alentejo e Algarve Ocidental*. Linha de acção de Geografia Física, Centro de Estudos Geográficos, 27, 113 p.

RAPOSO, L. (1994) – O sítio dos Palheiros do Alegria e a “Questão do Mirense”. In *Actas del Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Universidad de Huelva.

REIS, H. (no prelo) – The Mesolithic – Neolithic transition in the Southwestern coast and in the Mira river valley: perspectives on territory and culture. Actas da mesa redonda *Jeunes chercheurs: Des techniques aux territoires: nouveaux regards sur les cultures mésolithiques*. Novembro de 2012, Toulouse.

SILVA, C., SOARES, J. (1997) – Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste Português: O concheiro de Montes de Baixo, *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p. 69-108.

SILVA, C., SOARES, J., PENALVA, C. (1985) – Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*, 11, p. 5-15.

SOARES, A., M.; DIAS, J.A. (2006) – Coastal Upwelling and Radiocarbon. Evidence for Temporal Fluctuations in Ocean Reservoir Effect of Portugal during the Holocene. *Radiocarbon*, 48 (1), p. 45-60.

SOARES, J. (1997) – A transição para as formações sociais neolíticas na costa Sudoeste Portuguesa, In RODRIGUES CASAL (ed.) *O neolítico atlântico e as orixes do megalitismo: actas do Colóquio Internacional*, (Santiago de Compostela, 1-6 de Abril de 1996), Consello da Cultura Galega: Universidade de Santiago de Compostela; [Bruselas]: Unión Internacional das Ciencias Prehistóricas e Protohistóricas, p. 587-608.

SOARES, J.; SILVA, C. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SOARES, J.; SILVA, C.; CANILHO, M. (2005/07) – Matérias-minerais e mobilidade logística no Mesolítico da Costa Sudoeste. Os sítios de Samouqueira I e Armação Nova, *Musa*, 2, Setúbal, 47-62

STRAUS, L.; ALTUNA, J.; VIERRA, B. (1990) – The concheiro at Vidigal: a contribution to the late mesolithic of Southern Portugal. In Vermeersch P., Van Peer P. (eds) *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Papers presented

at the fourth international symposium “The Mesolithic in Europe (Leuven, 1990)”, Leuven, Leuven University Press, 463-474.

STUIVER, M., REIMER, P. (1993) – Extended  $^{14}\text{C}$  data base and revised CALIB 3.0  $^{14}\text{C}$  age calibration program. *Radiocarbon*, 35, 215-230.

VEIGA, E. (1891) – Antiquidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos. 4. Lisboa: Imprensa Nacional.

ZBYSZEWSKI, G (1940) – *Contribution à l'étude du littoral quaternaire du Portugal*. Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto. Porto, 15

ZBYSZEWSKI, G. (1984) – Litoral Ocidental. In (Coord.) OLIVEIRA, J.T. – *Carta Geológica de Portugal, escala 1:200 000, Notícia Explicativa da Folha 7*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

ZBYSZEWSKI, G.; PENALVA, C. (1979) A estação paleolítica do Medo Tojeiro (Baixo Alentejo). Contribuição para o estudo do “Languedocense” costeiro. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 65, p. 231-237.



Figura 1 – Vista Sul para o concheiro do Paço velho 2.

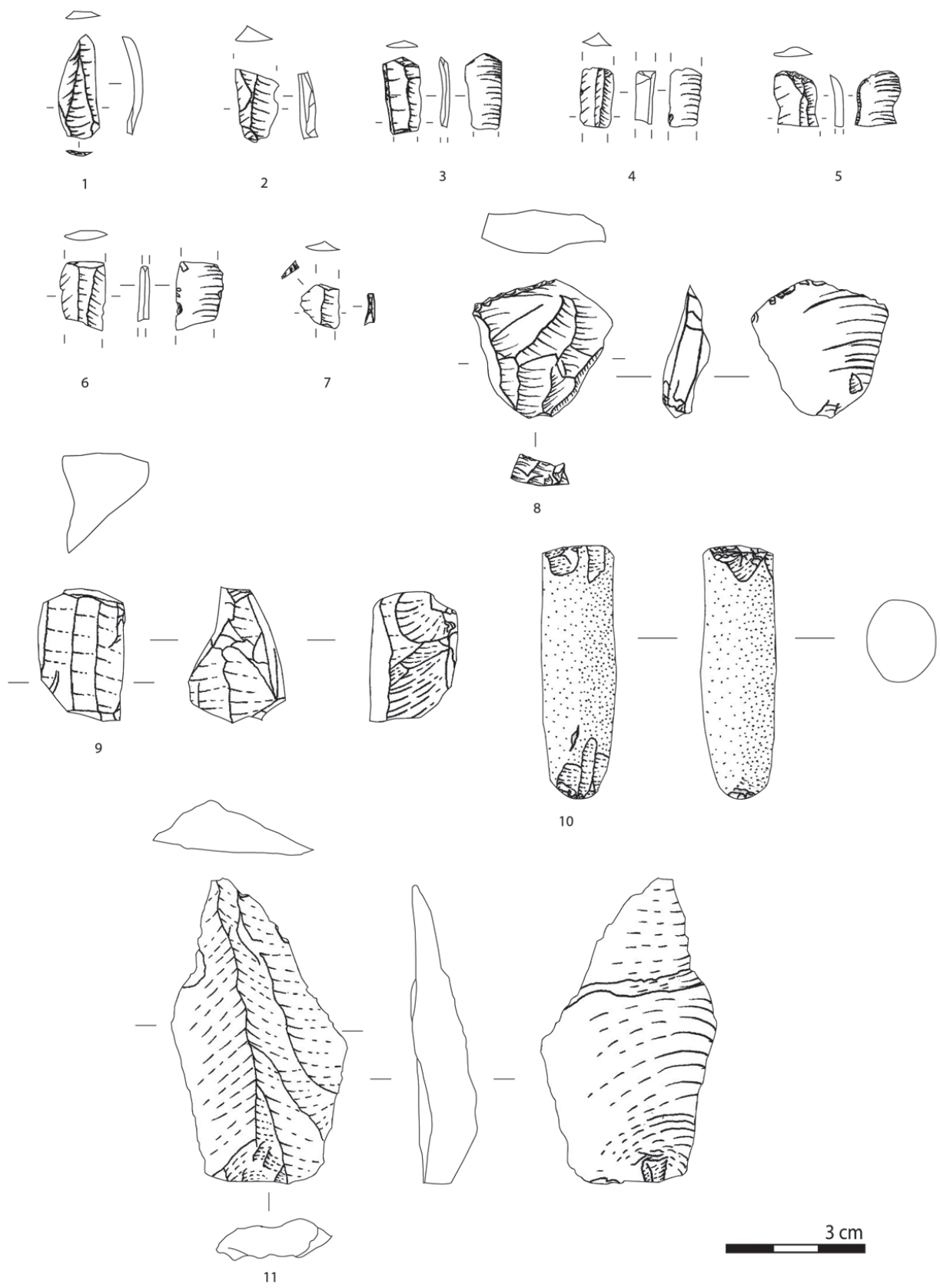


Figura 2 – Paço Velho 2 (Indústria lítica) Lamelas brutas em sílex: 1-3; Lamelas retocadas em sílex: 4-6; Trapézio: 7; Raspadeira em sílex: 8; Núcleo em rocha metamórfica: 9; Peça intermédia para percussão indirecta em xisto silicioso: 10; Lasca em quartzito: 11.

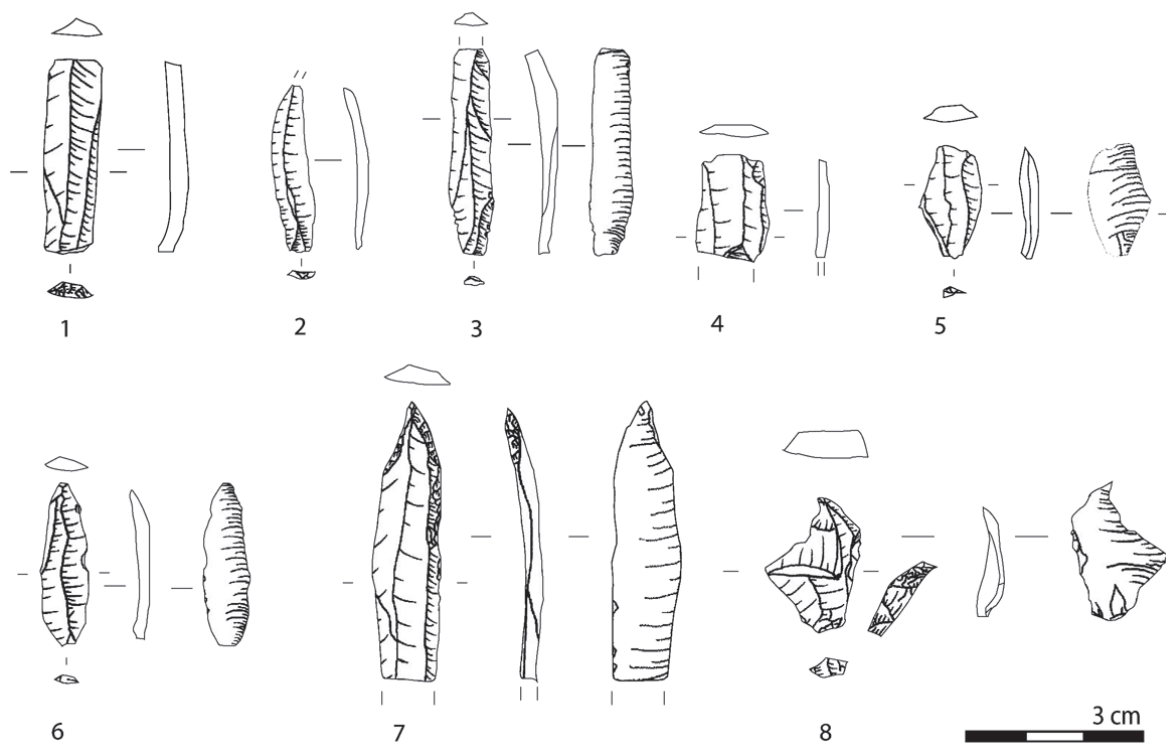
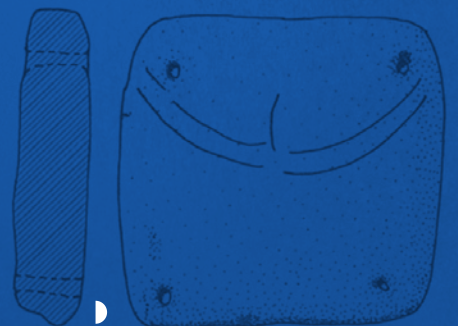
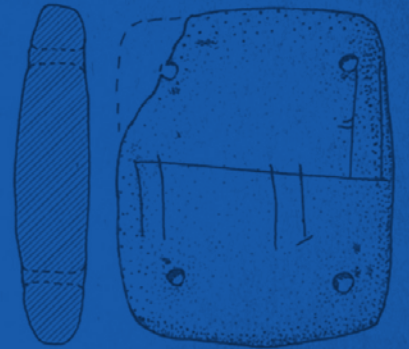
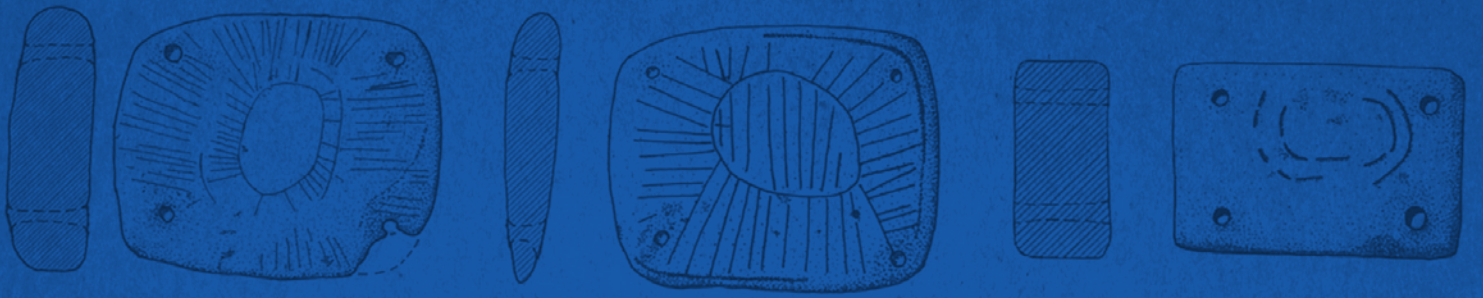
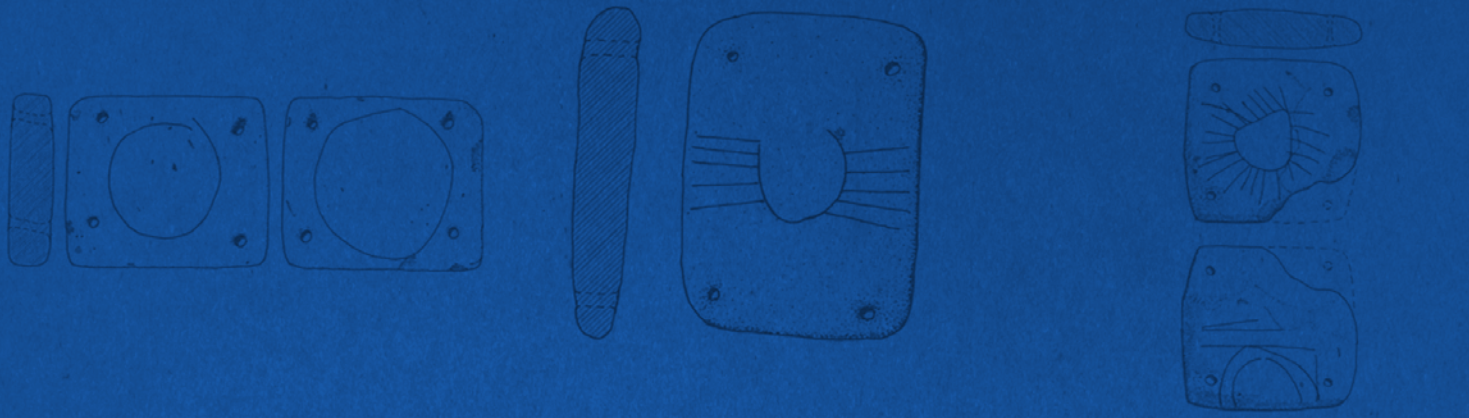


Figura 3 – Medo Tojeiro (Indústria lítica) Lamelas: 1-6; Furador em sílex: 7; Entalhe em sílex: 8.



FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua